

REVISITANDO *TERRA SONÂMBULA*: SOBRE O INSÍLIO EM CONTEXTO PÓS-COLONIAL

REVISITING *SLEEPWALKING LAND*:
ON INSILIO IN A POSTCOLONIAL CONTEXT

Yu Meng

Doutoranda e bolsista em Português pela Universidade Politécnica de Macau (Macau, China).
Mestre em Estudos de Tradução pela Universidade de Macau (Macau, China)
E-mail: 616293572@qq.com

Lola Geraldes Xavier

Pós-doutora em Literatura pela Universidade de Coimbra (Coimbra, Portugal).
Professora Coordenadora: Universidade Politécnica de Macau / Instituto Politécnico de Coimbra (China/Portugal).
E-mail: lolagrafias@gmail.com

Recebido em: 4 de maio de 2024
Aprovado em: 20 de julho de 2024
Sistema de Avaliação: Double Blind Review
RPR | a. 21 | n. 2 | p. 121-139 | jul./dez. 2024
DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2.3819>

RESUMO

O presente estudo expõe uma revisão narrativa da literatura sobre *Terra Sonâmbula*, o primeiro romance do escritor moçambicano Mia Couto. Pretende-se com este trabalho fazer o balanço da atenção dada pela academia a esta obra e identificar o seu potencial de investigação no que concerne os temas da diáspora geográfica e íntima num ambiente pós-colonial. A partir da pesquisa sobre os estudos desenvolvidos até ao momento, usando uma metodologia quantitativa, quer, sobretudo, qualitativa, conclui-se que estas temáticas não têm sido, ainda, suficientemente desenvolvidas em relação a esta obra miacoutiana. Nesse sentido, apresentam-se algumas linhas de investigação que apontam para o despertencimento territorial e psicológico das personagens a um ambiente agressivo, como consequência da guerra civil. Conclui-se que a atmosfera de violência e desamparo conduz as personagens ao exílio no seu próprio país, um exílio que ora é geográfico, ora é, sobretudo, interior, e que do isolamento conduz à loucura. Nesse sentido, analisamos as suas trajetórias à luz da noção de “insílio”.

Palavras-chave: Desamparo. Diáspora. Insílio. Mia Couto. Pós-colonial.

ABSTRACT

This study presents a narrative review of the literature on *Sleepwalking Land*, the first novel by Mozambican writer Mia Couto. The aim of this work is to assess the academic attention given to this novel and to identify its research potential concerning the themes of geographical and intimate diaspora in a postcolonial context. Based on research on studies developed to date, using both quantitative and, especially, qualitative methodologies, it is concluded that these themes have not yet been sufficiently developed in relation to this work by Mia Couto. In this sense, some lines of research are presented that point to the territorial and psychological displacement of the characters in an aggressive environment as a consequence of the civil war. It is concluded that the atmosphere of violence and helplessness leads the characters to exile within their own country, an exile that is sometimes geographical but, above all, interior, which leads from isolation to madness. In this sense, we analyze their trajectories in light of the notion of “insilio.”

Keywords: Helplessness. Diaspora. Insilio. Mia Couto. Postcolonial.

1 INTRODUÇÃO

Terra Sonâmbula é o primeiro romance do escritor Mia Couto. Cabe aqui aferir o percurso dos estudos sobre esta obra, passados mais de 30 anos sobre a sua publicação, em 1992. Mia Couto, autor moçambicano, largamente premiado e com mais de 37 obras publicadas, inaugura-se na arte do romance com este livro, ao qual se seguirão, até ao momento, mais de uma dezena de romances. *Terra Sonâmbula* foi galardoado com o Prémio Nacional de Ficção da Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO), em 1995, e considerado, por um júri especialmente criado para o efeito pela Feira Internacional do Zimbabwe, um dos doze melhores livros africanos do século XX.

Sendo um romance escrito durante a guerra civil de Moçambique, num período que trai a utopia eufórica da independência, com este texto pretende-se responder à questão: que consequências imprime a realidade pós-colonial de um país em guerra nas personagens de *Terra Sonâmbula*?

Nesse sentido, afigurou-se-nos relevante visitar o romance e i) recolher, por um lado, os estudos que analisam a obra miacoutiana, por outro, ii) como hipótese de resposta à questão formulada, restringir a análise da literatura e do romance às diásporas e desamparos sentidos pelas personagens, identificando as suas características e a sua estética. A metodologia utilizada para a revisão da literatura será, primeiramente, Quantitativa para se centrar, de seguida, numa abordagem qualitativa.

Tendo em consideração que, como se verá no desenvolvimento deste texto, as temáticas escolhidas são ainda pouco estudadas nesta obra de Mia Couto, pretende-se aplicar a noção de “insílio” como justificativa para os modos de as personagens vivenciarem as diásporas e os desamparos causados pela guerra, num país a viver o pós-colonialismo.

O artigo parte, pois, de uma revisão da literatura geral para se centrar nas temáticas que o orientam, o desamparo e a diáspora íntima das personagens. Num primeiro momento, revisitam-se os estudos já publicados, de seguida, parte-se de uma perspetiva enformada da noção de “insílio”, que se pretende desenvolver enquanto condição omnipresente em *Terra Sonâmbula*.

2 REVISÃO DA LITERATURA: METODOLOGIA

O romance *Terra Sonâmbula* é estruturado em duas narrações intercaladas, uma sobre o percurso desesperado do velho Tuahir e o miúdo Muidinga, a outra sobre relatos da viagem que Kindzu narra nos seus cadernos. Kindzu é um jovem cuja vocação é tornar-se num naparama, ou seja, um dos “guerreiros tradicionais abençoados pelos feiticeiros” (Couto, 2000, p. 27), que “lutavam contra os fazedores da guerra” (Couto, 2000, p. 27).

Alojados num autocarro queimado no meio de uma estrada sem circulação, Tuahir e Muidinga encontram um corpo recém morto e a sua mala com cadernos, que a criança vai lendo, sua única fonte de prazer. No início parece não haver relação entre o velho, o miúdo e o jovem autor dos cadernos, Kindzu. Este, na sua viagem em busca dos naparamas, encontra o amor com Farida. Personagem-chave, que serve de ponto de viragem do romance, Farida irá acrescentar à viagem de Kindzu a responsabilidade de procurar Gaspar, seu filho, fruto da violação do português Romão Pinto. Os relatos nos cadernos terminam no momento em que, pelos rebeldes, que alimentam a guerra civil, é morto a tiro Kindzu na estrada onde andam, também, Tuahir e Muidinga. Desta interseção, que se cria com a morte de Kindzu, inicia-se e termina a estória. Muidinga, ao ler o final dos cadernos, descobre a sua verdadeira identidade e a sua estória: Muidinga é, afinal, Gaspar.

O livro transpõe-nos, assim, para a experiência trágica da guerra civil de Moçambique (1977-1992) e contribui para a construção de uma ideia literária da nação pós-colonial (Rodrigues, 2020, p. 86). O *incipit* numinoso do romance remete-nos, logo, para a metáfora desse país em ruínas: “Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada.” (Couto, 2000, p. 9)

Para aferir a importância que a academia tem atribuído a este romance, desenvolveu-se, então, uma pesquisa abrangente de estudos publicados em torno da obra. O estudo foi realizado em seis etapas: (i) pesquisa de publicações relacionadas com *Terra Sonâmbula* em bases de dados da língua portuguesa, chinesa e inglesa; (ii) definição de critérios de inclusão de modo a se formar uma dimensão razoável para a posterior leitura sumária; (iii) leitura *scanning* das publicações recolhidas com a finalidade de se formularem os critérios de exclusão e de se obter os estudos mais pertinentes; (iv) leitura sumária das publicações recolhidas; (v) análise quantitativa dos resultados a partir de variados parâmetros (tipo de estudo, ano de publicação, origem institucional de publicação, idioma etc.); (vi) discussão dos resultados e apresentações das conclusões. Seguem-se as fases discriminadas da pesquisa.

Em primeiro lugar, fez-se uma busca em bases de dados de língua portuguesa, chinesa¹ e inglesa. Realizou-se a recolha de estudos por meio de um levantamento bibliográfico entre novembro de 2022 e abril de 2024, em vinte bases de dados *online*, nomeadamente: Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), Base Nacional de Dados Bibliográficos (Porbase), Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP), Bibliotecas de Universidades (de Aveiro, Coimbra, Lisboa, Minho, Porto) em Portugal; Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), no Brasil;

¹ Mia Couto tem granjeado a atenção na China, sobretudo a partir de 2018, ano que começaram a ser publicadas traduções das suas obras.

Biblioteca da Universidade Politécnica de Macau (Primo), Repositório da Biblioteca da Universidade de Macau, Repositório da Biblioteca da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau, Repositório da Biblioteca da Universidade da Cidade de Macau, Repositório da Biblioteca da Universidade de São José, China National Knowledge Infrastructure (CNKI), na China; Scopus, Web of Science, ProQuest Dissertations & Theses Global e Google Acadêmico. Os descritores usados para a pesquisa foram o cruzamento entre *Terra Sonâmbula* (no caso de haver condição de inserir uma palavra-chave só), as equivalências em inglês (*Sleepwalking Land*) e em chinês (夢遊的大地/梦游之地), e Mia Couto (equivalência em chinês, 米亞·科托). Encontraram-se 565 referências. Assim, adoptaram-se os seguintes critérios de inclusão: 1) trabalhos com resumo ou texto completo disponíveis para a análise; 2) artigos originais publicados em revistas, teses e dissertações, livros e capítulos de livros; 3) todas as categorias de texto (estudo científico, revisão de literatura, etc.) excepto citações, como um caso de Google Acadêmico; 4) trabalhos publicados em todos os idiomas, principalmente em língua portuguesa, inglesa e chinesa; 5) estudos relacionados com *Terra Sonâmbula*. Tomou-se como referência os últimos 32 anos, de 1992 a 2024, desde a altura da publicação de *Terra Sonâmbula* até à atualidade. Por outro lado, aplicaram-se os seguintes critérios de exclusão para se proceder à seleção: 1) trabalhos/obras de diferentes edições do próprio autor, Mia Couto; 2) textos traduzidos de *Terra Sonâmbula* em diferentes línguas (chinês, polaco, francês, inglês, etc.); 3) trabalhos de uma página apenas; 4) textos repetidos nas bases de dados pesquisadas; 5) trabalhos repetidamente publicados em línguas portuguesa e inglesa, respetivamente; 6) estudos exclusivamente sobre o filme com o mesmo título, realizado por Teresa Prata, a partir do romance *Terra Sonâmbula* de Mia Couto; 7) trabalhos sem informações básicas de publicação, aparentemente não publicados; 8) outros estudos como: intervenções orais (comunicações, conferências, etc.), resenhas críticas, capítulos de livro², trabalhos finais de licenciatura; 9) trabalhos sem acesso/indisponíveis³. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, obtiveram-se 165 publicações.

Procedeu-se, depois, à leitura sumária das publicações recolhidas, com a finalidade de identificar outras publicações que possam ser significativas, referidas nos estudos compilados e que não tenham sido identificadas nas bases de dados pesquisadas. No final, dessa etapa, chegou-se ao número total de 177 referências.

² Nas bases de dados pesquisadas, apenas foi identificado um capítulo de livro. Estamos, no entanto, cientes de que o número poderá ser mais avultado. Considerando, porém, que o nosso estudo se centra na pesquisa realizada, não iremos considerar aqui os capítulos de livro sobre *Terra Sonâmbula*.

³ Não tivemos acesso aos 28 estudos.

2.1 ANÁLISE QUANTITATIVA DOS RESULTADOS

Após a seleção final do *corpus* para apreciação, seguiu-se uma análise quantitativa dos resultados a partir de cinco parâmetros:

(1) Tipo de estudo: constata-se que o maior número de publicações sobre *Terra Sonâmbula* são artigos em revistas científicas, num total de 114. O ano de mais publicações é o de 2021, com 12 estudos. O primeiro artigo associado ao romance *Terra Sonâmbula* data de 1995, da autoria de Maria Nazareth Soares Fonseca na revista *Scripta* (Belo Horizonte). É na década de 2011 a 2021 que se testemunha um maior número de artigos publicados. No que toca à situação de dissertações de mestrado, registam-se no total 38 estudos, sendo o ano de mais defesas o de 2013 (5 defesas). As primeiras dissertações datam de 2005, defendidas por Joana Faria na Universidade de Minho e por Peron Rios, na Universidade Federal de Pernambuco, em Portugal e no Brasil, respetivamente. No que se refere às teses de doutoramento selecionadas, encontram-se 25 estudos defendidos nas universidades dos EUA, do Brasil e de Portugal, sendo nos anos de 2014, 2015, 2017 e 2020 em que mais destas teses foram defendidas (todos estes anos com 3 estudos). A primeira tese sobre *Terra Sonâmbula* data de 2000. É de destacar que não foram encontrados livros publicados exclusivamente sobre este romance de Mia Couto⁴.

(2) Autor: registam-se os seguintes autores com mais publicações sobre *Terra Sonâmbula*: Anita Martins Rodrigues de Moraes (4)⁵, Shirley Maria de Jesus (4)⁶, Everton Fernando Micheletti (2), Iá Niani Belo Maia (3), Ilse Maria da Rosa Vivian (2), Josilene Silva Campos (2). Constata-se que estes seis investigadores começaram a abordar questões alusivas a *Terra Sonâmbula* na fase de mestrado ou doutoramento. As suas publicações em formato de artigo sobre *Terra Sonâmbula* realizam-se, pois, durante ou depois dessa graduação.

(3) Ano de publicação: o primeiro estudo sobre *Terra Sonâmbula* data de 1997, cinco anos após a publicação deste romance de estreia de Mia Couto em 1992. Por sua vez, o último estudo que recolhemos data já de 2024. Entre os 27 anos descontínuos de publicações, registam-se, por ordem decrescente de

⁴ A dissertação intitulada *Viagem infinita: estudos sobre Terra Sonâmbula, de Mia Couto*, defendida na Universidade Federal de Pernambuco, por Peron Rios, em 2005, foi publicada em formato de livro em 2007, pela Editora Universitária UFPE. A dissertação original fica incluída nos estudos escolhidos, portanto, não se regista a sua versão em formato de livro.

⁵ O número entre parênteses refere-se, a partir de agora, ao número de estudos encontrados em relação à respetiva temática.

⁶ A partir de 2007, data em que a tese de doutoramento intitulada *Os ethé de mulheres moçambicanas em obras de Mia Couto* foi defendida, esta autora publicou sucessivamente três artigos muito semelhantes em termos de conteúdo, discutindo "Os ethé da mãe das gêmeas Farida e Carolinda, no romance *Terra Sonâmbula*".

frequência, 2018 (16), 2016 (16) e 2013 (14). Registam-se ainda anos sem publicações, nomeadamente 1998, 1999, 2002 e 2004.

(4) Idioma do texto: cinco línguas são registadas nos estudos recolhidos para a pesquisa, designadamente, por ordem alfabética: castelhano, chinês, francês, inglês e português. A língua mais usada nos estudos analisados é o português (160 referências), seguida do inglês (8 referências). Há uma pequena parte dos estudos que são realizados nos outros três idiomas, isto é, seis referências em chinês, dois em Francês e apenas um em castelhano.

(5) Distribuição institucional: no que diz respeito à situação de publicações de artigos, as revistas científicas representativas que publicam mais artigos sobre *Terra Sonâmbula* são, por ordem decrescente de frequência, *Cadernos CESPUC de Pesquisa– Série Ensaios* (7), *Portuguese Literary & Cultural Studies* (3), *Scripta* (Belo Horizonte) (3), *Abril* (Niterói) (2), *Cadernos de Pós-Graduação em Letras* (2), *Navegações* (2), *Revista de Filología Románica* (2), *Revista Crioula* (2) e *Via Atlântica* (2). Entre estes, sete são revistas do Brasil, e uma é de Espanha. Quanto à distribuição institucional das dissertações, vinte e três dissertações foram defendidas em universidades do Brasil, onze em Portugal, três na China e uma na Croácia. Entre elas, na Pontifícia Universidade Católica de Goiás e na Universidade de Lisboa foi onde se defenderam mais dissertações, com o número de quatro, seguidas da Universidade de São Paulo, com o número de três. Noutras universidades registam-se em média duas ou uma dissertações defendidas, respetivamente. No que se refere à distribuição institucional das teses, dezanove teses foram defendidas em universidades do Brasil, cinco em Portugal e uma nos EUA. Entre elas, é na Universidade de São Paulo onde se defendem mais teses sobre este romance, com o número de três. Noutras seis universidades foram defendidas duas teses, nomeadamente: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade de Aveiro, Universidade Estadual Paulista, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Considerados todos os estudos selecionados, foram identificados onze temáticas em torno dos quais se organiza a literatura sobre *Terra Sonâmbula*, a saber: estudos comparados com outras obras/autores (68); estudos de narratologia (30); estudos que relacionam literatura e história (21); estudos sobre os usos da língua (10); guerra (9); estudos de tradução (9); outros temas variados (8); realismo mágico (4); educação (3); estudos interdisciplinares (3) e pós-colonialismo (2).

Realizado este mapeamento sobre a bibliografia disponível e as temáticas exploradas, entendeu-se centrar o nosso estudo em torno do (pós-)colonialismo, desamparo, diáspora, exílio/insílio, de modo a responder à nossa questão de partida: que consequências imprime a realidade pós-colonial de um país em guerra nas personagens de *Terra Sonâmbula*?

2.2 REVISÃO DA LITERATURA SOBRE “(PÓS-)COLONIAL/COLONIALISMO”, “DIÁSPORA”, “DESAMPARO”, “INSÍLIO/EXÍLIO” EM *TERRA SONÂMBULA*

Definidas as palavras-chave em torno da temática da questão levantada, foram identificados 38 estudos, sendo três referências que se prendem com o “desamparo”, quatro com a “diáspora”, seis com o “exílio” (nenhuma refere o insílio) e vinte e cinco com o “(pós-)colonial/colonialismo”. De forma geral, as quatro temáticas caracterizam-se por serem pouco estudadas, pois a maioria dos trabalhos não se centra nesses objetos de estudo principais. Procedeu-se, em seguida, a uma revisão da literatura por ordem cronológica, das contribuições associadas às quatro temáticas para traçar um panorama sobre a perspectiva em estudo.

Inicia-se a leitura bibliográfica com a temática do “desamparo” ou “desamparado/a”. Fonseca (2010) utiliza a noção de “desamparo” para caracterizar as personagens em *Terra Sonâmbula*. Define a personagem Surendra Valá (indiano) como alguém “completamente desamparado” (p. 74), cujo pensamento aglutinador sobre uma raça de “índicos” acaba por ser uma ilusão que o leva a ser “clausurado em tristeza” (Couto, 2000, p. 127). Ramos (2015) recorre à descrição do desamparo no romance com a finalidade de relançar a interrogação sobre o lugar desde onde o analista pode operar frente ao trauma, perspectivado pela psicanálise de Freud e Lacan. A partir da perspectiva mitopoética, por sua vez, Trocha e Charchalis (2023) consideram o desamparo face à viragem do destino como uma das imagens da miséria humana, que está associada a um dos elementos fundamentais do mito, isto é, à demanda de “salvar-se a si próprio” (p. 86).

Entre os quatro trabalhos relativos à “diáspora”, a maioria aborda a temática de forma indireta, ou seja, vê-a como ponto de ligação para chegar a outros temas, tais como a identidade ou o ensino da literatura. Ambientada numa época de guerra civil e da reconstrução da nação em Moçambique, Santana (2016) investe a diáspora de uma função de ligação entre os dois acontecimentos. Por um lado, foram os conflitos civis que ocasionaram a consequência inevitável de diáspora populacional para fora e dentro do país, o que provoca a “destruturação dos núcleos familiares” (p. 557), como é o caso da família da jovem personagem, Kindzu. Por outro lado, é a partir dos laços intergeracionais quebrados que Kindzu encontra a forma que “moverá sua diáspora psicossocial” (p. 557), isto é, tornar-se um dos lendários guerreiros naparamas. Por seu turno, Costa (2018) concentra-se na forma como as identidades das personagens são construídas em *Terra Sonâmbula*, sobretudo na situação de diáspora, guerra e hibridismo cultural. Aborda os conceitos-chave relacionados com a diáspora, concebidos por Stuart Hall (2003) e a sua representação no romance, ou seja, a “condição de não se sentir mais em casa” (Costa, 2018, p. 84) vivida por Kindzu e por Farida. Trata-se do sentimento de não pertença experimentado pelo casal indiano Surendra e Assma. Para Timbane e Santos (2021), o estudo sobre a questão da “identidade” apresenta

certa complexidade sob a perspectiva da diáspora interna (Hall, 2003), porque se trata de “um assunto que envolve indivíduos que saem do grupo étnico para um espaço físico e psicológico não definido” (Timbane; Santos, 2021, p. 299), como o que se passa com Tuahir e Muidinga no romance. Neste sentido, pretende-se deslindar como dialogam as duas personagens com as tradições linguísticas moçambicanas para a efetivação da identidade linguística, de modo a influenciar a (re)construção da identidade do ser africano. Devides (2022) debruça-se sobre a relação entre a leitura literária e a educação intercultural, bem como o efeito positivo na formação do leitor literário. Valoriza-se a leitura das literaturas africanas em língua portuguesa que se diferencia da literatura brasileira. Intercalados na análise de *Terra Sonâmbula* e das experiências literárias recolhidas, os termos como “diáspora”, “espaço”, “identidade” e “pós-colonialismo” servem tanto como ferramentas teóricas de análise da literatura quanto reflexões a partir da leitura.

Comparada com o “desamparo” e a “diáspora”, a temática relacionada com o “exílio” desperta o interesse um pouco mais ampliado. Registam-se seis estudos que têm como objeto de estudo direto ou indireto o “exílio”. Na sua tese sobre os pressupostos teóricos subjacentes a leituras críticas de *Terra Sonâmbula*, Moraes (2007) recorre a Boaventura de Sousa Santos e Edward Said para justificar a distinção entre “exílio” e “fronteira”. Advoga-se que “na ausência de uma demarcação nítida entre ‘nós’ e ‘eles’”, demarcação típica das situações de exílio, a possibilidade da fronteira passa a “ser um lar para os que nela vivem, um lar confortável, embora talvez não muito duradouro” (Santos, 2002, p. 352). Para o investigador, pode-se constatar uma passagem do estado de “exílio” a uma situação de “fronteira”, “que não consiste num retorno à raiz, mas na invenção de uma nova experiência de identidade” (Moraes, 2007, p. 31) como a de “nação-oceano”. Moellwald (2008) reflete sobre as formas de representação da nação moçambicana em *Terra Sonâmbula*, reflexão assentada na teoria da narração de Walter Benjamin e nas teorias pós-coloniais. Para este autor, a literatura de Mia Couto traça uma nação moçambicana contrária a qualquer modelo homogeneizador, que só se pode imaginar na ambivalência de seus interstícios (Moellwald, 2008, p. 21). Sendo um dos elementos que compõem este lugar intervalar, o “exílio” é praticado por personagens no romance, tais como o casal Surendra, Dona Virgínia e Farida, de formas diferentes.

Conclui-se que a errância, o exílio ou todo o tipo de deslocamento são movimentações que favorecem a criação de um universo afastado das tradicionais dicotomias e a aproximação ao mundo constantemente fluído. Feil (2013) e Pereira (2018) analisam as personagens femininas em *Terra Sonâmbula*, de modo a revelar as suas experiências de vida, sejam elas positivas ou dolorosas. Sendo Farida uma das representantes femininas do romance, ela é condenada ao exílio não apenas “espacial e físico, mas emocional também” (Feil, 2013, p. 55). Tal apresenta-se em crescendo desde o seu nascimento como “filha-gêmea” (Couto, 2000, p. 77), passando pelo exílio na sua própria terra, até à experiência de ser

violada por quem considerava ser um segundo pai. Na tese de doutoramento, Feil (2015) continua o seu estudo sobre o exílio, apontando uma das suas modalidades mais cruéis, em *Terra Sonâmbula*, isto é, o exílio entre portas. Mais à frente, falaremos da noção de insílio, que não aparece em nenhum dos estudos que recolhemos sobre *Terra Sonâmbula* e que nos parece apropriada para definir esta situação. Trata-se de uma “situação complexa onde o exilado não nutre o sonho do retorno, constituindo-se numa massa disforme de sujeitos rejeitados pelo que lhe é mais caro, o lugar de nascimento – sendo constantemente retirados do sonho, da terra, da identidade e da tradição” (Feil, 2015, p. 85). Finalmente, Romero (2016) discute a relação dialética entre o “exílio” e a “pulsão de ficção” em *Terra Sonâmbula*. Na sua perspetiva, a pulsão de ficção é o “impulso vital que reelabora a experiência do exílio, é o espaço possível de resignificação, mediadora entre memória e reconstrução” (2016, p. 131).

Quanto ao “colonial”, ou “colonialismo” são temas que mais capturam a atenção entre as quatro temáticas que aqui investigamos. É de notar que o termo aparece sempre junto com a noção de “pós-colonialismo” e de “neocolonialismo”. Trata-se de três etapas indissociáveis na história dos países colonizados africanos, amplamente discutidas até à atualidade. Do ponto de vista do colonialismo, Ferreira (2007) proporciona uma leitura alegórica à relação entre Quintino e o ex-patrão Romão Pinto, sobretudo quando este lhe aparece em forma de fantasma, dez anos após a sua morte. Por esse episódio (em *Oitavo caderno de Kindzu – Lembranças de Quintino*), pode-se observar que “permanece o colonialismo e seus agentes que apesar de aparentemente mortos, continuam a perseguir os nativos e a impor as suas ordens e vontade” (p. 424). Belcadi (2016), por sua vez, parte de três períodos na história de Moçambique, o pré-colonialismo, o colonialismo e o pós-colonialismo, para elucidar o tempo histórico em que acontece a viagem em *Terra Sonâmbula*. Costa (2019) integra o feminismo no enquadramento do pós-colonialismo no seu estudo sobre as narrativas de estupro, mais precisamente, a representação da violação feminina em *Terra Sonâmbula*. A partir do termo “dupla colonização” (Bonnici, 2002), o autor pretende destacar “a posição da mulher em situação pós-colonial, o que representaria uma violência colonial que constitui a objetificação não apenas da terra, mas também de seus verdadeiros donos” (Costa, 2019, pp. 64-65). Este autor conclui que o patriarcalismo e o colonialismo estão interligados e que tencionam ambos anular a identidade e a libertação feminina, pré-requisito da libertação cultural. Frizzo, Niwa e Ulbrich (2020) focalizam a perspetiva utópica de Mia Couto através da observação sobre a sua opção em “elaborar uma síntese entre o resgate das tradições locais e a superação da condição colonial que Moçambique vivia” (p. 20). Resumindo, para além das três etapas históricas em torno do colonialismo, constata-se que as palavras-chave como, por exemplo, “história”, “identidade”, “violência”, “memória” e “morte” são mais frequentemente abordadas juntamente com a temática relacionada com o “colonial/colonialismo”.

3 LUGAR “SONHAMBULANTE”: O INSÍLIO

Apresentamos de seguida, a nossa proposta de análise sobre as consequências da guerra em *Terra Sonâmbula*. Segundo François Paré (2001, p. 89), a escrita nos países periféricos é marcada por algum modo de exílio. Nazir Can (2020), a propósito do romance moçambicano, recupera a noção de insílio de Miriam Volpe (2004) e Chango Illánez (2006), no sentido em que “El insilio se trata de aquel estar sin ser dentro de la propia patria. Es una identidad vulnerada porque es una memoria reprimida” (Illánez, 2006, s/p), ou seja, o “estranhamento vivido dentro da própria nação” (Can, 2020, p. 21). Apesar de se tratar de um sentimento que pode ser *vivenciado* por autores e personagens, aqui interessa-nos o insílio textual, apenas. Concordamos com Nazir Can quando afirma que Mia Couto é o autor moçambicano em cuja obra mais “é evidente o movimento rumo ao insílio por parte de seus heróis” (Can, 2020, p. 30).

Nos romances de Mia Couto, o insílio “assume uma dupla e paradoxal função: de refúgio e de castigo” (Can, 2020, p. 35), movimento e metamorfose, origem e fim (Can, 2020, p. 38), num cruzamento entre a melancolia do passado e a utopia de um presente sombrio e doloroso. Deste estranhamento surge a loucura de que são acometidas as personagens. São exemplos disso Farida e a sua mãe, Assma e o seu marido, Surendra, e Dona Virgínia. Esta loucura provoca e é provocada, num movimento dialético, pela marginalização social, racial e/ou de género.

Em *Terra Sonâmbula*, todas as personagens vivem o desamparo, algumas a prática da diáspora, outras o insílio e, finalmente, outras, ainda, acumulam a experiência de diáspora e insílio. Vejamos várias situações.

i) As personagens que vivem a experiência da diáspora são os portugueses Romão Pinto e a sua mulher. Aquele simbolizando o colono português, racista, machista, “filho e neto de colonos” (Couto, 2000, p. 155), que explora os locais, seduz e ou viola as mulheres (negras ou mulatas) e sente-se incólume e superior a todos. Por contraste, a sua mulher, Dona Virgínia, “Branca de nacionalidade, não de raça” (Couto, 2000, p. 170), sente-se deslocada e esse deslocamento condu-la, primeiro, à nostalgia: “ela insistia no desejo de regressar a Portugal. Era a sua única vontade, o breve círculo do seu sonhar” (Couto, 2000, p. 82). Na impossibilidade de concretizar o seu desejo, constrói o insílio dentro da sua própria casa, circunscrita à solidão, abandonada após a morte do marido e da independência do país, e, finalmente, à loucura. Uma loucura que aproxima a personagem da infância e que serve de lugar de refúgio: “Dona Virgínia amealha fantasias, cada vez mais se infanciando” (Couto, 2000, p. 170). Se para Dona Virgínia a diáspora geográfica se torna em diáspora psicológica, íntima e dolorosa; para Romão Pinto, ela é natural e legítima o seu poder colonial sobre os locais.

O casal de indianos Surendra Valá e Assma vivem, também, o sentimento da diáspora como apátridas: “– *Que pátria, Kindzu? Eu [Surendra] não tenho lugar nenhum*” (Couto, 2000, p. 29). Ambos, primeiro Assma, depois Surendra, enlouquecem, devido ao sentimento de deslocamento, incapacidade de regresso à sua terra natal (Índia) e conseqüente tristeza: “– (...) *esse monhé não está bom da cabeça, o gajo não bate cem*” (Couto, 2000, p. 122). O desfecho é sem retorno para Assma, que morre num incêndio. Essa é, porém, uma morte física, pois havia muito que a diáspora psicológica, vivida amargamente, lhe tinha capturado a existência.

ii) A maior parte das personagens deste romance vivem a experiência do exílio dentro do seu próprio país: “El insiliado está en su propia tierra en calidad de desterrado” (Illáñez, 2006, s/p). O sentimento de insílio, começa logo pelos protagonistas Muidinga e Tuahir, que se refugiam num autocarro queimado. Muidinga que, no final do romance, se deduz ser Gaspar, o filho procurado de Farida, não tem senão existências de insílio: primeiro na Missão, abandonado pela mãe, e, no final, a fugir da guerra, escondido com Tuahir, no autocarro, lugar de não-existência, que evoca a morte, mas, por isso mesmo, afasta os perigos. O autocarro torna-se o centro das suas (sobre)vivências: “Tudo acontecera na vizinhança do autocarro. Era o país que desfilava por ali, sonhambulante” (Couto, 2000, p. 147). Trata-se de um caso de insílio forçado, similar ao de Junhito, irmão de Kindzu, o autor dos diários, que o revisita, como um fantasma. Esta personagem secundária é isolada num galinheiro, no início da narrativa, desaparecendo fisicamente, pouco depois. Este processo de desumanização que a personagem sofre é alegoria da conseqüência da guerra que o romance inaugura desde a primeira frase.

Farida é, porém, a personagem que mais vive intensamente o insílio, no neologismo miacoutiano, a figura que mais “se deslocalizara” (Couto, 2000, p. 161). Primeiramente, porque é votada ao afastamento da aldeia, com a sua mãe, ambas vivendo isoladas no mato, uma por ter nascido gêmea, a outra por ter dado à luz gêmeas e ter supostamente cumprido a tradição de ter deixado morrer uma das suas gêmeas à fome. Supostamente, porque, no final, numa espécie de *anagnorisis*, sabe-se que Carolinda, a mulher do administrador, é a “falecida” irmã. De seguida, criança órfã, Farida continua isolada “no obscuro mundo dos sobreviventes” (Couto, 2000, p. 80). Mais tarde, recolhida e cuidada por Dona Virgínia, é, por esta, entregue a uma Missão. Se em nenhum destes insílios forçados foi ouvida, no final, a escolha pelo autoisolamento, no navio encalhado ao largo da baía de Matimati, é da sua responsabilidade, cumprindo “um sonho antigo: sair dali, viajar para uma terra que ficasse longe de todos os lugares” (Couto, 2000, p. 89). Este afastamento da terra, como uma autopunição, onde “já não tinha nenhum lugar” (Couto, 2000, p. 90) e a conseqüente reclusão no mar, representa a opção pela solidão e simboliza a transitoriedade

da realidade que a leva à loucura, bem como a ambivalência entre a vida e a morte, acabando esta por vencer no final.

Farida é a única personagem do romance em que o narrador recorre explicitamente à noção de desamparo: “Passaram anos mas, para ela, seu filho permanece pequenito, fugindo em desamparos pelo mato e requerendo parte de si que nunca nasceu” (Couto, 2000, p. 89); “O país mudara, ela [Farida] estava desamparada, sem ninguém a quem recorrer” (Couto, 2000, p. 113). O sentimento de desamparo empele-a, num primeiro momento, para a fuga. Este movimento e fuga associado à partida manifesta-se de forma diferente entre Kindzu e Farida: “Ambos queríamos partir. Ela queria sair para um novo mundo. Eu queria desembarcar numa outra vida. Farida queria sair de África, eu queria encontrar um outro continente dentro de África” (Couto, 2000, p. 103). Esta procura de um outro espaço e tempo mostra que “O tempo pós-colonial [é] atravessado por um desalento ascendente” (Can, 2020, p. 35), o que nos remete para a vontade de transpor o tempo enquanto característica estética do insílio, como argumenta Can (2020, p. 38). Trata-se de um tempo de guerra civil, de “desfile de infinitos lutos” (Couto, 2000, p. 114), incompreensível e interminável para as personagens, que vivem o sentimento de desamparo irremediável: “–*Pode acabar [a guerra] no país, Kindzu. Mas para nós, dentro de nós essa guerra nunca mais vai terminar*” (Couto, 2000, p. 114). Este sofrimento chega a causar nostalgia em relação às figuras representativas do passado colonial, na evocação que a cega Bastiana faz do seu amante português, brigadeiro Silvério Damião (Couto, 2000, p. 142). É um tempo em que os administradores africanos, como Estêvão Jonas, substituem os colonos na reprodução das atitudes e traição ao povo: “– *Eu tenho os meus esquemas, Romão. Não pense que somos [os negros] burros, como sempre vocês insistiram*” (Couto, 2000, p. 179). A associação de Estêvão ao fantasma de Romão Pinto simboliza o peso do passado colonial que se prolonga no presente textual e marca o desenrolar da história de Moçambique vista pelas lentes da ficção. Trata-se de um tempo sem futuro, como escreve Kindzu: “o melhor da vida é o que não há de vir” (Couto, 2000, p. 163), em que as personagens se vão “convertendo em fantasmas” (Couto, 2000, p. 121) num “embate entre o tempo da história e o tempo do indivíduo” (Can, 2020, p. 32).

Acrescente-se a vontade de transpor o espaço através da viagem de Kindzu, um nacional, considerado estrangeiro no seu próprio país, como lhe lembra Assane: “– *Também você se cuida. Você veio de fora, é um tribal, ninguém conhece seu motivo de viagem*” (Couto, 2000, p. 124). Kindzu recusa, no entanto, essa heteroimagem, através do nome que lhe concede identidade: “– *Vou-te contar minha estória, estrangeiro. – Kindzu, emende!*” (Couto, 2000, p. 154).

Kindzu é a personagem que se recusa a perder a identidade e a esperança, juntamente com Muidinga. Ambos têm objetivos bem definidos: o primeiro juntar-se aos naparamas, o segundo encontrar os pais.

Por isso, também, são as personagens que não perdem a voz, ao contrário das restantes. A morte no final de *Kindzu* parece, no entanto, simbolizar a dificuldade em manter viva a esperança num ambiente de guerra. À medida que as personagens se vão aniquilando, cresce o silêncio em torno delas, o que corrobora o que escreve Illáñez (2006, s/p): “El insilio se caracteriza por el silencio. A veces ese silencio es casi total.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No sentido de responder à questão: que consequências imprime a realidade pós-colonial de um país em guerra nas personagens de *Terra Sonâmbula?*, este trabalho visou recolher os estudos realizados até ao momento sobre o livro de Mia Couto, que consideramos emblemático por ser o seu primeiro romance, publicado há mais de 30 anos. É uma obra que está associada à construção pós-colonial de Moçambique, textualmente falando.

No que concerne à revisão da literatura realizada, existem duas limitações em relação à nossa pesquisa. Por um lado, a seleção pelas 20 bases de dados concentra-se principalmente em recursos digitais disponíveis em Portugal, no Brasil, na China e parcialmente internacionais, fenómeno resultante da própria natureza do nosso objeto de estudo, da necessidade do estudo e do nosso limite linguístico. Por outro lado, recorreu-se, apenas, a textos acessíveis on-line, dada a dificuldade em aceder a alguns textos impressos, sobretudo dissertações ou teses em CAPES e em Google Académico, para além de publicações noutras bases de dados antes de 2000.

A nossa investigação permite concluir que *Terra Sonâmbula* continua a despertar interesse nos estudiosos, brasileiros, em particular. Os estudos realizados até ao momento têm contribuído, de alguma maneira, para a divulgação da obra de Mia Couto e para a construção de um cânone de literatura moçambicana pós-colonial.

Apesar de as temáticas exploradas neste romance serem de índoles variadas, de modo a responder à nossa questão de base, centrou-se a atenção no deslocamento vivido pelas personagens, obrigadas a isso pelas condições sociais a que são alheias, quer seja de caráter diaspórico geográfico, quer seja de índole interno. Utilizou-se a noção de insílio para definir este deslocamento interno, dentro do próprio país. Constata-se que a generalidade das personagens vivem isolamentos autoimpostos, o que, não raras vezes, as leva à loucura. Estas são, pois, consequências que a realidade pós-colonial de um país em guerra imprime nas personagens de *Terra Sonâmbula*: exílio dentro de portas, o insílio, portanto; isolamento, silêncio, loucura e, em alguns dos casos, a morte.

Como sintetiza Kamila Rodrigues (2020, p. 92), “The Mozambique that is portrayed in *Terra Sonâmbula* is a multicultural country that is still in process of becoming acquainted with itself.” A viagem geográfica do protagonista Kindzu simboliza precisamente essa procura de conhecimento. No geral, é a busca ora desse conhecimento físico ora do autoconhecimento que conduz as personagens a uma diáspora que se torna, não raras vezes, interior. De facto, as personagens, sobretudo as da narrativa dos cadernos de Kindzu, têm em comum, para além da vivência do insílio, provocado ou autoimposto, a solidão e a loucura, enquanto refúgio: “Única saída era sozinhar-me”, como escreve Kindzu (Couto, 2000, p. 29).

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. S.; JESUS, S. M. d. Os *ethé* ‘pré-discursivo’, ‘discursivo mostrado’ e ‘discursivo dito’ da matriarca das gêmeas Farida e Carolinda, no romance **Terra Sonâmbula** de Mia Couto. **Contexto: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras**, Vitória, n. 40, p. 289-307, 2021.
- BELCADI, M. **O Tema da Viagem no Romance Terra Sonâmbula de Mia Couto**. 2016. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2016.
- BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed UFMG, 1998.
- BONNICI, T. **O Pós-Colonialismo e as Literaturas: Estratégias de Leitura**. Maringá: EDUEM, 2002.
- CAMPOS, J. S. **As representação da guerra civil e a construção da nação moçambicana nos romances de Mia Couto (1992-2000)**. 2009. 174f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Goiás, Goiás, Brasil, 2009.
- CAMPOS, J. S. A Literatura como espaço de memória: O caso de Moçambique. **Revista Eletrônica Discente História.com**, Cachoeira-BA, v. 2, n. 3, p. 61-74, 2015.
- CAN, N. A. **O Campo Literário Moçambicano**. São Paulo: Kapulana, 2020.
- COSTA, C. F. d. **Narrativas de estupro: A representação da violação feminina em Capitães da Areia e Terra Sonâmbula**. 2019. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil, 2019.
- COSTA, G. d. S. História, identidade e diáspora em **Terra Sonâmbula** (1992), de Mia Couto. **Cadernos de África Contemporânea**, v. 1, n. 2, p. 73-88, 2018.

Couto, M. **Terra Sonâmbula**. Lisboa: Caminho, 2000.

DEVIDES, M. M. **Leitura literária e interculturalidade: experiências na formação do leitor de ensino médio técnico**. 2022. 180f. Tese (Doutoramento em Educação) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, Brasil, 2022.

FARIA, J. D. M. V. d. **Mia Couto - Luandino Vieira: Uma leitura em travessia pela escrita criativa ao serviço das identidades**. 2005. 195f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2005.

FEIL, R. Frágeis mulheres-feras: Cicatrizes da vida na alma feminina. **Abril (Niterói)**, Niterói, v. 5, n. 10, p. 51-66, 2013.

FEIL, R. B. **Moçambique (entre)laços poéticos: Conversas e versos**. 2015. 181f. Tese (Doutoramento em Literatura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2015.

FERREIRA, A. M. T. S. **Traduzindo mundos: Os mortos na narrativa de Mia Couto**. 2007. 561f. Tese (Doutoramento em Literatura) – Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal, 2007.

FONSECA, M. N. S. Bordas, margens e fronteiras: Sobre a relação Literatura e História. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 91-102, 1997.

FONSECA, S. C. **Nas entrelinhas do espaço: O grotesco e o sagrado em Terra Sonâmbula**, de Mia Couto. 2010. 168f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil, 2010.

FRIZZO, M. K.; NIWA, L. I.; ULBRICH, C. C. F. Entre a tradição e a nação: a perspectiva utópica de Mia Couto para uma **Terra Sonâmbula**. **Revista Cadernos de Clio**, Curitiba, v. 11, n. 1, p. 20-38, 2021.

HALL, S. **Da Diáspora: Identidade e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

ILLÁNEZ, C. **Exílio e insílio**. Una mirada sobre Juan, su universidad y las herencias del proceso. *Revista de la UNSJ*, 2006. Disponível em <https://revista.unsj.edu.ar/numero19/exilio.htm>. Acesso em: 2 abril 2024.

JESUS, S. M. d. **Os ethé de mulheres moçambicanas em obras de Mia Couto**. 2017. 215f. Tese (Doutoramento em Literatura) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil, 2017.

JESUS, S. M. O ethos em *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto, a partir dos conceitos propostos por Maingueneau. **Polifonia**, Cuiabá-MT, v. 26, n. 43, p. 257-271, 2019.

JESUS, S. M. d. Os *ethés* da mãe das gêmeas Farida e Carolinda em *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto. **Uniletras**, Ponta Grossa, n. 485, p. 343-360, 2021.

MAIA, I. N. B.; BRANCO, S. D. O. A tradução literária como locus para uma reflexão sobre a influência dos discursos coloniais a partir da análise de **Sleepwalking Land**. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 10, n. 3, p. 957-976, 2016.

MAIA, I. N. B. **Entre Terra Sonâmbula e Sleepwalking Land**: as (im)possibilidades da tradução literária. 2015. 117f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, Brasil, 2015.

MAIA, I. N. B. **Intertícios históricos da tradução literária**: Uma análise sobre **Sleepwalking Land e The Death and the Life of a Severino**. 2020. 138f. Tese (Doutoramento em Literatura) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, Brasil, 2020.

MEMMI, A. **Retrato del colonizado: precedido por el retrato del colonizador**. Buenos Aires: Ed. de La Flor, 1969.

MICHELETTI, E. F. Realidade e imaginação: um percurso sobre representações do espaço a partir dos romances **Terra Sonâmbula e Mãe, Materno Mar**. **Journal TOPUS**, Uberaba, v. 1, n. 1, p. 68-82, 2015.

MICHELETTI, E. F. **Os (des) caminhos da nação**: Um estudo comparado do espaço em **Terra Sonâmbula e Mãe, Materno Mar**. 2016. 270f. Tese (Doutoramento em Literatura) – Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2016.

MOELLWALD, B. C. E. **A poiesis da nação em Mia Couto**: Fragmentos de um olhar. 2008. 241f. Tese (Doutoramento em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil, 2008.

MORAES, A. M. R. d. **O inconsciente teórico**: Investigando estratégias interpretativas de **Terra Sonâmbula**, de Mia Couto. 2007. 119f. Tese (Doutoramento em Literatura) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil, 2007.

MORAES, A. M. R. d. O inconsciente teórico: Investigando estratégias interpretativas de *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto. **Sínteses – Revista dos Cursos de Pós-Graduação**, n. 12, p. 195-203, 2007.

MORAES, A. M. R. d. Discurso etnográfico e representação na ficção africana de língua portuguesa: notas sobre a recepção crítica de Mia Couto e o projeto literário de Ruy Duarte de Carvalho. **Via Atlântica**, São Paulo, v. 1, n. 16, p. 173-194, 2009.

MORAES, A. M. R. d. "Somos índicos!": Notas sobre a questão identitária em *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto. **Remate De Males**, Campinas, v. 38, n. 1, p. 100-115, 2018.

PARÉ, F. **Les Littératures de l'Exiguïté**. Hearst: Le Nordir, 2001.

PEREIRA, G. C. R. Farida: exílio e dominação na obra **Terra Sonâmbula**. **Revista Falas Breves**, Breves, n. 5, p. 87-96, 2018.

RAMOS, L. N. Trauma: ficção, história, verdade. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, n. 48, p. 17-26, 2015.

RIOS, P. P. S. M. **A viagem infinita**: Um estudo de **Terra Sonâmbula**. 2005. 115f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil, 2005.

RODRIGUES, K. K. Literary ethnographies: The idea of nation and writing back in Terra Sonâmbula and Macunaíma. In HAESENDONCK, K. V. (Ed.). **The Worlds of Mia Couto**. Oxford, New York: Peter Lang. p. 85-97, 2020.

ROMERO, J. H. d. S. Estradas que suportam distâncias: Notas sobre exílio e pulsão de ficção em **Terra Sonâmbula** de Mia Couto. **Letras Escreve**, Macapá, v. 6, n. 1, p. 124-132, 2016.

SAID, E. W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTANA, J. A. Dos sonhos de Kindzu e da produção dialética de lugares e não lugares em **Terra Sonâmbula**, de Mia Couto. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 51, n. 4, p. 555, 2016.

SANTOS, B. S. **Crítica da razão indolente**. São Paulo: Cortez, 2002.

TIMBANE, A. A.; SANTOS, I. da S. **Terra Sonâmbula**: a (re)construção da identidade do ser africano a partir da língua portuguesa. **Jangada: Crítica | Literatura | Artes**, Viçosa, v. 1, n. 16, p. 298-320, 2021.

TROCHA, B.; CHARCHALIS, W. Contextos mitopéicos da prosa de Mia Couto nos romances **Varanda do Frangipani**, **O Último Voo do Flamingo** e **Terra Sonâmbula**. **Studia Romanica Posnaniensia**, Poznań, v. 50, n. 2, p. 73-91, 2023.

VIVIAN, I. M. d. R. **A poética da memória:** Uma leitura fenomenológica do eu em **Terra Sonâmbula** e **Um Rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada Terra**, de Mia Couto. 2014. 187f. Tese (Doutoramento em Literatura) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2014.

VIVIAN, I. M. d. R. A personagem-memória e a emergência do *ser* na poética de Mia Couto. **Gragoatá**, Niterói, v. 20, n. 39, p. 532-547, 2015.

VOLPE, M. L. **Geografias de Exílio**. Juiz de fora: Editora UFJF, 2004.

Nota: Estudo realizado no âmbito do Projeto Científico RP/FLT-10/2022, financiado pela Universidade Politécnica de Macau.